

► seus jardins ou cedem-nos um quarto livre ou carrinhas estacionadas na rua. Fomos convidados para casas enormes, fabulosas e também ficámos com pessoas muito pobres.

Têm sempre a mesma hora para acordar e partir?

Sim. Se estiver frio, como aqui em La Paz, não vamos para a estrada antes das 10h. Na América Central, onde estava um calor abrasador, levantávamo-nos às 3h para termos tudo arrumado e estarmos na estrada à primeira luz da manhã.

Qual foi a cidade que mais a surpreendeu?

A nossa maior surpresa foi o Belize. Muitos ciclistas tinham-nos dito que era horrível e pensámos atravessá-lo o mais depressa possível. Mas conhecemos pessoas incríveis: ajudaram-nos a sair da estrada e passámos pela selva. Por isso, se hoje perguntar às crianças qual foi a sua maior experiência, vão dizer que foi um dia que passaram junto ao rio. O sítio de que não gostámos e esperávamos gostar foi a Costa Rica. Nos EUA dizem que é bonito, mas só encontramos condutores doidos varridos. Já passeámos de bicicleta por todo o mundo, mas os condutores da Costa Rica são os piores.

Sente saudades de casa?

Eu e o Jon vivemos longe dos Estados Unidos durante 12 anos e os miúdos nos seus primeiros sete anos de vida. Acho que a ideia de “lar” é o local onde nós os quatro estamos.

Mas não sente a falta da família ou de passar um Natal nos Estados Unidos?

Quando os gémeos nasceram dávamos aulas na Etiópia e viajavamos muito nas férias de Verão e nas três semanas de Natal. Quando tinham 1 ano, fomos ao Egipto pelo Natal, quando tinham 2 ao Vietname e quando tinham 3 à Tailândia. Decidimos que iríamos tentar que eles estivessem em países diferentes no Natal. Passaram o Natal nos Estados Unidos com 7 e 9 anos. O Natal não são muitos presentes e a árvore de Natal. Em Quito, no Equador, pusemos decorações de Natal nas nossas bicicletas.

As bicicletas ainda estão boas?

Estamos preocupados com a minha. Nos últimos meses tivemos problemas bizarros. Os raios da minha roda da frente desintegraram-se e quando tentámos reconstruí-la aconteceu o mesmo. Depois a alavanca que segura o meu assento também se partiu e tive de fazer 15 km com ele todo em baixo. Se a mi-

nha falhar, vou ter de voltar aos Estados Unidos para comprar uma nova.

Não pode comprar uma na viagem?

Podemos encontrar uma na Argentina ou no Chile, mas não na Bolívia.



“ **Pensei no que dizem os livros: falar com o urso sem lhe voltar as costas. Depois comecei a pedalar cada vez mais depressa** ”

Porquê?

É talvez o país mais pobre onde estivemos. E não andam de bicicleta aqui, porque é muito montanhoso. Por isso, encontrar qualquer bicicleta é difícil, quanto mais uma bicicleta onde transportar as nossas coisas.

O que é que comem?

Varia. Na América do Norte, íamos à mercearia e cozinhávamos massa e guisados. A partir da América Central, os restaurantes eram suficientemente baratos para podermos comer a comida típica. No México comemos muito feijão e tortilhas. Na Bolívia, as refeições começam com sopa, com muitos vegetais e eventualmente carne de vaca ou de galinha. E a refeição principal tem arroz, uma salada e carne de vaca ou de galinha.

Onde é que o Davy foi perseguido por um urso?

Estávamos na Colúmbia Britânica, no Canadá. Tinha sido um dia longo: tínhamos feito 100 km e estávamos há 20 km à procura de um local para acampar. O Daryl e o Jon [que viajam num tandem, uma bicicleta para os dois] iam alguns quilómetros à frente. Vi um urso. Parámos a cerca de 40 metros e ficámos a vê-lo comer erva à beira da estrada – o Davy nunca tinha visto nenhum. O urso começou a caminhar na nossa direcção. Desapareceu e reapareceu a um metro de mim.

E depois o que fez?

Pensei no que dizem os livros: falar calmamente com o urso, sem nunca lhe voltar as costas. Eu podia falar com ele, mas não podia afastar-me porque tinha um atrelado atrás da bicicleta. Estava a ficar convencida de que não ia sair dali viva. Disse ao Davy, que estava a cerca de 20 metros de mim, para se montar na bicicleta e ir muito devagar, para não provocar o urso a persegui-lo. Foi o que fez.

E então?

O urso começou a persegui-lo. E eu gritava: “Vai Davy, vai!” A adrenalina é uma coisa muito poderosa e comecei a pedalar cada vez mais depressa e passei pelo urso que ia atrás do Davy. Os ursos conseguem correr 30 a 35 km/h. Eu não sei a que velocidade íamos e não sei se o urso ia à sua máxima velocidade, mas acabámos por escapar.

O que pensa das críticas nos Estados Unidos que dizem que está a explorar os seus filhos?

É um grupo muito pequeno de pessoas. Nós temos a sorte de os nossos filhos apreciarem a nossa paixão por viajar de bicicleta. Sabemos que não faríamos uma viagem destas se eles não gostassem. A ideia de que estamos a abusar deles é muito estúpida.

Têm-lhes dado aulas?

Não lhes ensinamos todas as matérias que eles aprenderiam caso estivessem na escola, como artes ou música. Mas acreditamos, depois de muitos anos a ensinar, que há três capacidades básicas: ler, escrever e aritmética. Desde que saibam fazer isto conseguem aprender tudo o que precisam e, por isso, focamo-nos nisso. Eles lêem muito acima do nível de educação: a última vez que foram testados estavam no 4.º ano e o Daryl já lia ao nível do 11.º. Se voltassem para a escola, estariam muito avançados. ●